**Apresentação**

 Estamos acostumados a receber, após cada Capítulo Geral, o Documento Capitular e somos tentados a acolhê-lo como um documento entre tantos outros. Foram as críticas sobre essa prática que levou-se a cogitar que o capítulo não elaborasse um documento, mas se limitasse a fazer uma série de indicações concretas à Congregação.

Perguntamo-nos: para que e o que é um Documento Capitular?

O Documento Capitular não é, como se pode achar, o documento produzido pelo Capítulo e entregue à Congregação, mas é o documento “da Congregação”, é a síntese conclusiva de uma reflexão da Congregação que se estendeu por três anos.

 Tal reflexão continuou durante a celebração do Capítulo Geral através de analises, estudos, confrontos e discernimento partilhado pelos Capitulares. É, portanto, uma expressão da Congregação e, pela sua natureza, deve tornar-se um instrumento de vida e apostolado. Podemos comparar o documento Capitular ao que acontece, por uma simples analogia, à programação anual de uma comunidade religiosa. Nos sentamos entorno a uma mesa, se confronta e se reflete juntos sobre as luzes e as sombras, e depois se traça um caminho que devemos realizar juntos durante o ano que se abre.

 O Documento do XII Capítulo Geral é o nosso ponte de referimento, a nossa guia segura para o sessênio.

 Por que é um "documento" que deve ser considerado, doutrinal, pastoral e carismático e não apenas uma simples lista de orientações e deliberações?

 Porque estamos diante da escolha do Capítulo e do caminho realizado pela Congregação no processo de preparação. Se sentimos a exigência de haver novos impulsos de atualização e renovação da nossa vida e do nosso apostolado, não nos basta acolher as indicações e orientações do documento final; devemos apropriar e atuar, depois de acolhermos suas motivações doutrinais e pastorais.

 O Documento Capitular nos convida a interrogar-nos sobre “A nossa identidade carismática hoje.” A intenção não é aquela de ilustrar a nossa “identidade carismática.” Esta foi claramente definida nos capítulos anteriores e codificada em nossa Regra de Vida aprovada pela Santa Sé.

 O Documento nos convida a viver a nossa “identidade na realidade de hoje.” Isso significa que, se nas últimas décadas, a vida e o apostolado da Comunidade respondiam aos desafios do tempo em fidelidade à nossa identidade carismática, hoje vivemos e trabalhamos em uma nova realidade existencial que não podemos ignorar.

 Somos chamados a avaliar se as nossas escolhas em todos os níveis, grandes e pequenas, pessoais e comunitárias, nos permitem de viver a nossa identidade carismática na realidade hodierna, onde estamos imersos entre as problemáticas e os desafios, buscando reconhecer os sinais dos tempos.

 Na mensagem que recebemos do Santo Padre nos foi recordado que “o nosso tempo mais do que nunca nos pede bons operários para a construção do Reino de Deus sobre a terra e, portanto, o “ROGATE” é sempre vivo e atual e cada religioso Rogacionista torna-se um sinal do Espírito Santo que, através do mandamento evangélico continua a chamar e a enviar apóstolos santos para a edificação da Igreja.”

Este é o tema que é indicado no título do Documento Capítular, que é introduzido por um resumo da perícope carismática, particularmente importante: "Vendo as multidões ele sentiu compaixão e disse: "Rogate".

Com estas palavras, nos é oferecida a chave para solucionar e empreendermos na difícil tarefa de plasmar nossa identidade carismática nos desafios de hoje. Nos vem indicado o caminho e os meios que devemos operar para animar nossa identidade, renovar e atualizar nossa vida e apostolado carismático. Consideremos atentamente este versículo.

“Vendo as multidões.” É um convite a ser, como nos recorda o Papa Francisco, comunidades inseridas. Não podemos responder “à distância” os desafios de hoje, os gritos dos últimos. Se, como nos ensinou e testemunhou o Santo Fundador, os órfãos e os pobres são os prediletos do Senhor, precisamos tomar consciência que quanto mais nos aproximamos deles, tanto mais nos unimos ao Senhor.

“Sentiu compaixão.” Tal aproximação nos conduz a uma verdadeira compaixão. A concretude das escolhas adequadas do nosso apostolado dependerá de situação para situação, segundo os diferentes contextos sociais nos quais atuamos, mas na base de nosso compromisso, tem que haver conhecimento, proximidade, afeição e compaixão pelos órfãos e os pobres, homens e mulheres, pequenos e grandes.

“E disse: Rogate”. A nossa missão é “dizer o Rogate”, dizê-lo com a vida e com as palavras. Precisamos redescobrir a grandeza e a beleza do tesouro que nos foi dado com o carisma da “inteligência e zelo do Rogate.” É a oração dos pobres, a oração com os pobres, a oração para os pobres. Nos tornaremos homens da “caridade do Rogate” quando compreendermos de ser homens da “oração do Rogate.” Conheceremos a compaixão do Coração Eucarístico de Jesus e o nosso olhar e nossas mãos se voltarem aos pequenos e pobres.

Esta é a mensagem que nos confia o XII Capítulo Geral, Ao mesmo tempo nos dá algumas orientações e indicações do caminho que pode nos ajudar a traduzir esta mensagem nas escolhas concretas de cada dia.

Nos vem indicado a direção onde devemos recorrer, em particular, a nossa atenção para obter ajuda no caminho de redescoberta da nossa identidade carismática que nos permitirá dar uma resposta eficaz aos apelos e aos desafios do nosso tempo.

Somos convidados a redescobrir a fraternidade em nossoas comunidades, que desejamos sóbrias, acolhedoras e cheias de compaixão. Temos necessidades de cuidar da dimensão cultural, especialmente no âmbito carismático, para nos tornarmos anunciadores e testemunhas do Rogate.

Somos exortados a ter como ponto de referência a Regra de Vida e a nos tornarmos mais e mais homens de oração para poder formar os leigos que estão próximos ao Carisma e fazer de nossas comunidades casa de oração.

O Documento Capitular, depois de nos indicar estas e outras preciosas orientações, nos entrega uma série de **propostas operativas**, isto é, sugestões concretas, para traduzir na vida tais orientações. Encontramos uma riqueza de indicações confiadas ao nosso discernimento e a boa vontade para renovar a nossa identidade e responder aos desafios de hoje.

O Documento Capitular conclui com algumas deliberações, que diz respeito à estrutura e ao Governo da Congregação. Trata-se de alguns novos artigos das Normas, ou modificações de artigos, que respondem às exigências imersas no presente sessênio.

Caríssimos, na minha primeira carta de saudação, vos recordava que o Capítulo Geral elaborou um precioso documento, que nos ajudará a fazer um frutuoso exame pessoal e comunitário.

 Desejo sublinhar a importância da acolhida “comunitária” do Documento Capitular. A vida fraterna para nós religiosos é um valor fundamental para caminhar na estrada que o Senhor nos indicou. Pegar em mãos periodicamente este Documento certamente será de grande beneficio para avaliar nossa vida pessoal e comunitária e o apostolado que desenvolvemos.

O nosso futuro depende do modo de como saberemos redescobrir e viver com alegria o nosso ser “irmãos” membros de uma mesma “família” com uma identidade histórica, carismática e apostólica. O Documento Capitular, em efeito assim exprime:

“Na vida fraterna em comunidade exprimimos a alegria e a festa por vivermos juntos, e dizem respeito em primeiro lugar à profunda e interior felicidade de pertencer a uma história comum, marcada pelo carisma do Rogate. Somos, portanto, chamados a construir Comunidades que sejam escolas de oração, lugares de encontro e diálogo, onde se possa viver com confiança, estima, sustento e atenção recíprocos. Redescobrir-se a cada dia “irmãos” em Cristo é fator decisivo para a afirmação da nossa identidade e pertença a uma Congregação considerada como “família” (n.28).

Este é o meu mais cálido desejo, que confio à bênção dos Divinos Superiores por intercessão de Santo Aníbal Maria, enquanto apresento o Documento do XII Capítulo Geral.

 Pe. Bruno Rampazzo, R.C.J.

 Superior Geral